



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

SARAH CRISTINNE FIRMINO PAULINO

VAMOS CANTAR O QUE É DE CASA:
O MANIFESTO DA MÚSICA DE COLAGEM

CAMPINA GRANDE – PB

2022

SARAH CRISTINNE FIRMINO PAULINO

**VAMOS CANTAR O QUE É DE CASA:
O MANIFESTO DA MÚSICA DE COLAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino

CAMPINA GRANDE – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P328v Paulino, Sarah Cristinne Firmino.
Vamos cantar o que é de casa [manuscrito] : o manifesto da música de colagem. / Sarah Cristinne Firmino Paulino. - 2022.
33 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino, Coordenação do Curso de Jornalismo."

1. Jornalismo cultural. 2. Música popular. 3. Música de colagem. I. Título

21. ed. CDD 070.4

SARAH CRISTINNE FIRMINO PAULINO

**VAMOS CANTAR O QUE É DE CASA:
O MANIFESTO DA MÚSICA DE COLAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Cultural.

Aprovada em: 22/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Jurani Oliveira Clementino

Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

FERNANDO FIRMINO DA SILVA

Prof. Dr. Fernando Firmino da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Antônio Roberto Faustino

Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Jandira Maracajá, pelas tardes compartilhando conversas e canções, sendo isso o que desde a infância me dá coragem e inspiração para fazer tudo o que de melhor sei, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Considero a gratidão como uma obrigação diária ao universo. Por isso, agradeço a Jesus, mestre e amigo e à toda a Espiritualidade por me guiarem sempre em rumo da realização dos meus sonhos.

Agradeço aos meus familiares que seguraram firmemente a minha mão nessa jornada: minha avó Maria do Carmo Firmino do Nascimento, meu tio Sandro José Firmino Liberal e minha tia Elisângela Ferreira Liberal, por me ensinarem desde os meus primeiros anos sobre vida, fé e educação.

Agradeço também aos amigos por me fazerem companhia nas alegrias e tristezas, tão amorosamente compartilhadas: Ariadne Gabriela; Bárbara Lima; Pedro Netho; Marina Oliveira; Elaine Campelo; Thiago Ponsat; Verton Ribeiro; André Bojim; Andresa Costa; Roméria Rodrigues; Emanuel Araújo e Gabriel Heitor. Porque esses anos na Universidade não seriam tão suportáveis sem vocês.

O meu muito obrigada a todos os mestres dessa trajetória: Moisés Araújo, Rômulo Azevêdo e Rostand Melo, pelos ensinamentos e amizade, e ao meu orientador Jurani Clementino pela paciência infinda e carinho nos aprendizados, assim como a banca formada por Fernando Firmino e Roberto Faustino, tão queridos. Agradeço também a Saulo Queiroz, Hermano Júnior e Leandro Pedrosa, por me ensinarem tanto do Jornalismo Cultural durante meu estágio no Programa Diversidade. Especialmente agradeço a Anná, figura maravilhosa da qual não me canso se dizer que sou fã, e que me deu tema, régua e compasso para que esse trabalho de fato, existisse.

Também sou muito grata à Carminha (Maria do Carmo Graciano da Luz), por me dar a força final espiritual e amiga, que faltava para concluir esse processo, e por fim a minha irmã Wedja Firmino, por ser o combustível que me move. Obrigada por acreditarem mais em mim que eu mesma!

*“Abrir as portas do mundo é sempre bom
Deixar fluir distintos arrebóis
Mas volta à casa e então tu ouvirás
O som da tua terra consegue te fazer vibrar”*

(Anná)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do álbum “Pesada”	25
Figura 2 – Capa do álbum “Colar”	27
Figura 3 - Capa do álbum “Brasileira”	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA	11
CAPÍTULO 1: A ARTE DA MÚSICA	12
1.2 História da música no Brasil	15
CAPÍTULO 2: A MÚSICA DE COLAGEM	17
2.1 O conceito de música pura	19
2.2 Movimento Antropofágico	22
4 ANÁLISE.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS.....	33

**VAMOS CANTAR O QUE É DE CASA:
O MANIFESTO DA MÚSICA DE COLAGEM**

Sarah Cristinne Firmino Paulino^{1*}
Jurani Oliveira Clementino^{2*}

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo trazer à luz o Manifesto da Música de Colagem, conceito criado pela cantora e compositora mocoquense Anná. O Manifesto foi inspirado no conceito da Antropofagia de Oswald de Andrade e na soma de influências nacionais, esclarecendo o mito da “música pura”. A escolha do tema justifica-se por ser um conceito ainda desconhecido pela maioria das pessoas, embora estivesse sempre presente intrinsecamente em nossa cultura. Tomando como referência o pensamento dos autores Ballerini (2015) e Piza (2013) sobre o Jornalismo Cultural podemos perceber como as criações contemporâneas que fogem do padrão ainda estão muito à margem da nossa sociedade. Como ferramenta metodológica foi feito um aparato histórico e uma análise das letras do Movimento através de uma pesquisa explicativa, que segundo Gil (2007), preocupa-se em identificar os fatores que contribuem para o fenômeno. Na conclusão podemos verificar como o debate da Música de Colagem dentro do âmbito do Jornalismo Cultural é de suma importância para repensarmos o nosso passado, entendermos o nosso presente e voltarmos o retrovisor para o futuro da Música Popular Brasileira.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Música Popular. Colagem.

¹ * Graduanda em Jornalismo – UEPB. Email: cristinnesarah@gmail.com

² * Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba. Email: juraniclementino@hotmail.com

ABSTRACT

This work aims to bring to light the Collage Music Manifesto, a concept created by Mocoque singer and songwriter Anna. The Manifesto was inspired by the concept of Anthropophagy by Oswald de Andrade and by the sum of national influences, explaining the myth of “pure music”. The choice of theme is justified because it is a concept still unknown by most people, although it was always present in our culture. Taking as a reference the thinking of the authors Ballerini (2015) and Piza (2013) on Cultural Journalism, we can see how contemporary creations that deviate from the norm are still very much on the margins of our society. As a methodological tool, a historical trimming and an analysis of the Movement's letters were made through an explanatory research, which according to Gil (2007), is concerned with identifying the factors that created the phenomenon. In conclusion, we can see how the Collage Music debate within the scope of Cultural Journalism is of paramount importance for us to rethink our past, understand our present and turn our rear view mirror to the future of Brazilian Popular Music.

Keywords: Cultural Journalism. Popular songs. Collage music.

1. INTRODUÇÃO

A expressão “Música de Colagem” é um conceito ainda desconhecido pela maioria das pessoas. De acordo com Silveira (2012, p.79), a colagem é entendida como uma classe de procedimentos abrangentes de sampleamento musical, termo referente à colagem musical fonográfica.

Esse processo é muito usado no cotidiano dos profissionais que trabalham com a música eletrônica, porém, o termo ainda é pouco discutido academicamente. Mesmo estando sempre presente intrinsecamente na cultura do nosso país, podendo encontrar a sua influência nos movimentos como a Tropicália e o Mangubeat, por exemplo, baseados na ideia da Antropofagia que será explicada no decorrer desse artigo, o uso da palavra “Colagem” só passa a ser debatida como um Movimento de Música Popular após a cantora e compositora Anná dar vida ao Manifesto do qual esse trabalho se propõe a pesquisar.

No Brasil, antes mesmo da chegada dos portugueses, a música já estava fortemente presente nos diferentes rituais dos nossos povos originários, a multiculturalidade é a marca registrada da arte brasileira. O caminho da nossa música é deveras amplo contando com uma bagagem de muitos ritmos, instrumentos e vozes em sua construção. A partir disso, num salto histórico, podemos observar os caminhos que a música de Colagem toma e suas ações, justificativas e contribuição para os próximos movimentos musicais, refletindo também sobre a necessidade desse conceito dentro do vocabulário do Jornalismo Cultural, abrindo espaço para a divulgação e valorização desse Manifesto.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa explicativa que, de acordo Gil (2007, p. 43) é a identificação de fatores que determinam que um fenômeno esteja suficientemente descrito e detalhado de modo a abordar como surge a música na sociedade pré-histórica e o desenvolvimento dessa arte através dos tempos até chegarmos no contexto musical do Brasil, seus ritmos, composições e desenvolvimento. A partir dessa contextualização são exemplificados dois movimentos musicais do nosso país: O Tropicalismo e o Mangubeat, ações que também beberam da fonte da Antropofagia e da união de simbolismos para suas composições e performances, até chegarmos na criação e desenvolvimento do Movimento de Colagem pela cantora e compositora Anná Furtado, sua pesquisa, análise e experimentação para a criação de suas letras e instrumentalizações.

Esta pesquisa conta com referências do Jornalismo Cultural, que tem como função social realizar a mediação e divulgação entre a arte e o público, encontradas em obras de vários pensadores como Ballerini (2015) e Piza (2013). Segundo Ballerini (2015), as matérias desse segmento do jornalismo devem dar visibilidade para novas obras, como é uma editoria pautada muitas vezes pela inclinação pessoal e formação cultural do repórter, se faz necessário que o jornalista deste segmento esteja sempre aberto às novas manifestações artísticas ao buscar levar a um público agora muito mais amplo, heterogêneo e preocupado com a velocidade, mais informações sobre variados campos artísticos.

Piza (2013, p. 7) afirma que o termo Jornalismo Cultural trata-se de uma riqueza de temas e implicações, afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens. E esse é o objetivo deste trabalho, apresentar o Movimento de Colagem com base na sua história e desenvolvimento, e defender porque a imprensa deve

estar cada vez mais atenta a ele. Para entendermos esse processo, começaremos com as primeiras manifestações musicais que veremos agora.

CAPÍTULO 1

ARTE DA MÚSICA

A música nasceu junto à humanidade, Bréscia (2003, p. 31), afirma que: “A música está presente em quase todas as manifestações sociais e pessoais do indivíduo desde os tempos mais antigos”, dessa forma, variando de acordo com a estruturação da cultura de cada povo. Os primeiros registros sonoros datam da pré-história, com a escuta e observação dos sons da natureza: o barulho da chuva, das árvores e dos animais, tudo isso influenciou gradativamente para que o homem se atentasse também aos sons que eram emitidos a partir do seu corpo, como as palmas, os pés no chão e até a própria voz. Com o passar do tempo, essas ações que inicialmente eram maneiras de comunicação, evoluíram para diversas formas de rituais, até se desenvolver numa forma de arte propriamente dita, como a dança e a música, por exemplo.

A palavra música vem do grego *musiké téchne* (arte das musas), que eram entidades mitológicas da Grécia Antiga, a quem era dado o mérito de inspirar os humanos nas criações artísticas. Os primeiros registros musicais são de cerca do ano de 60.000 a.C. A formação dessa arte que é uma das principais manifestações da cultura através dos tempos e povos surge com a observação dos sons da natureza, a partir da formação da duração do som, ritmo, altura, frequência de tom, timbre e intensidade, assim os instrumentos musicais foram surgindo a partir dos materiais madeira e metal, e se dividiram entre instrumentos de sopro, corda, percussão e eletrônicos. A música então é composta por combinar som e silêncio de maneira organizada ao longo de um período de tempo. “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, 2003, p. 31).

Várias civilizações organizadas contém seu contexto de músicas próprias, seja para rituais religiosos, de agricultura, festas e demais manifestações. Ao longo do tempo foram encontrados registros de instrumentos musicais de diversos tipos no Egito; China, Índia, e a região da Mesopotâmia, por exemplo, regiões que tinham a música como execução sagrada e criada por deuses. Instrumentos como harpas, flautas, cítaras, entre outros. No cenário musical, Pitágoras foi o primeiro a determinar relações entre matemática e música.

Na época, as consonâncias perfeitas (que já eram bem fundamentadas na cultura musical grega), as quartas, quintas e oitavas notas musicais foram essenciais para estabelecer o início da sua percepção sobre essas relações. Ainda que os instrumentos da época fossem muito rudimentares e pudessem dificultar a alternância entre tons, esses instrumentos - que não eram polifônicos - atendiam bem a escala pitagórica. (FIORDILUGLIO, 2020, p. 4).

Nessa caminhada através dos tempos da evolução sonora, podemos dividir a música do Ocidente por exemplo, em vários movimentos: O período da Música Medieval, de 800 a 1400, com o canto gregoriano, missas e música trovadoresca; O período da Música Renascentista vai até cerca de 1600 que inclui-se, hinos, corais e madrigais; O Período da Música Barroca durou até aproximadamente 1750 com concertos, corais, missas, cantatas e sonatas. Depois, veio a Música Clássica de 1750 até 1810 com quartetos, óperas, corais e fugas.

O Período da Música do séc. XIX vai de 1810 a 1900 com as sinfonias, as cantatas-oratórios, até chegarmos no período da Música Contemporânea, ou “música moderna” como também é chamada, que permanece de 1900 até hoje, e que teve sua divulgação difusa, principalmente, após 1896 com o desenvolvimento do rádio, que de acordo com Makovics (2003, p. 12-13) “É um meio de comunicação que tem capacidade de atingir um grande público, anônimo e heterogêneo. Está ao alcance da maioria da população e atinge regiões mais afastadas dos centros urbanos.”

Diferentemente do método que era vivido na história, a música do séc. XX se modernizou. Não era mais necessário ir aos concertos para ouvir música, pois as gravações começaram a ser possíveis. Com a globalização e o avanço tecnológico foi possível experimentar mais confortavelmente a música pelo mundo com o objetivo de conquistar as massas, não instigando a arte nem dando espaço para novos conceitos e criações, mas sim padronizando uma estética.

Podemos relacionar essa “cultura de massa” com a Indústria Cultural, na qual as sociedades capitalistas da primeira metade do século XX utilizavam desse artifício para garantir o engajamento das massas sociais. Esse pensamento foi desenvolvido por Horkheimer e Adorno, pensadores alemães criadores da chamada “Escola de Frankfurt” (RUDIGER, 2015, p. 131).

A primeira mídia que deu início ao desenvolvimento sonoro foi o cilindro fonográfico, que surgiu em 1877, abrindo os caminhos para a indústria fonográfica. Depois, veio o Disco Plano, mais conhecido como Gramofone, que em 1887, fez um sucesso esplendoroso. Apenas em 1948 outra descoberta revolucionaria a indústria da música - a popularização do disco de vinil, que até hoje são respeitados, produzidos e têm espaço na coleção de fãs fiéis do seu som analógico. A partir de 1958 os Cartuchos 8-Track levaram ao mundo a possibilidade de equipamentos sonoros portáteis, como as fita cassete que se popularizaram na década de 80 até o desenvolvimento dos aparelhos eletrônicos e o surgimento de novas mídias, como o CD (Compact Disc).

Em 2004 os iPods fizeram grande sucesso, revolucionando a maneira de agregar mídias em um só aparelho. Vieira (2012, p. 10-12) afirma que “Tornou-se possível ouvir o MP3 na rua, no trabalho, lavando o carro, caminhando no parque ou em qualquer momento desejado. Surge então uma forma diferente de transmissão. [...] Dez anos depois, do analógico ao digital, do rádio ao smartphone, do MP3 ao radiojornalismo e podcast, as formas de consumir e tratar as mídias mudaram.”

Essa evolução chega até a internet, possibilitando com facilidade um universo de músicas na palma da nossa mão através do celular, acessando as plataformas de streaming como o Spotify, Deezer, SoundCloud, entre outros, gerando ‘hits’ nacionais e mundiais que com a ajuda das redes sociais, rapidamente viralizam em aplicativos de dança como o Tiktok, por exemplo. Porém, para entendermos a música de Colagem, devemos começar pela história da música brasileira, que naturalmente formou-se a partir da fusão de elementos europeus, indígenas e africanos, trazidos por colonizadores portugueses e por negros escravizados.

1.2 A MÚSICA NO BRASIL

O Brasil, país multicultural desenvolvido através da união de tantos elementos genéticos, culturais, religiosos e singulares, não poderia render menos que, em todos esses anos, representações artísticas tão amplas, complexas e fundidas ao mesmo tempo. É sabido que os portugueses por aqui chegaram trazendo elementos musicais europeus, como as óperas

italiana e francesa, e as suas danças típicas. Essas tradições foram impostas por eles, enquanto (ser colonizador), o que gerou uma enorme opressão aos nossos povos originários e aos escravos africanos que foram trazidos no decorrer desse processo (ser colonizado). De acordo com Blomberg (2011, p. 4.) “A música que se assume, tenha sido praticada desde os primórdios da descoberta do Brasil, seja pelas comunidades ameríndias, que aqui habitavam, ou posteriormente pelos europeus e africanos, análoga à própria escrita da história do Brasil, foi inicialmente registrada através de relatos de viagens de estrangeiros, missionários ou administradores.”

Rapidamente, as danças de saudação à natureza para plantio e comemoração de colheita, por exemplo, e as suas diversas formas de viver as suas religiosidades, foram duramente repreendidas. O sincretismo surge enquanto resistência, e assim a cultura brasileira é formada por tanto apagamento racial durante todo esse tempo. De acordo com Béhage (1968, p. 93), os primeiros exemplos de música popular datam do século 17, como o Lundu, uma dança africana que chegou ao Brasil diretamente com os escravos vindos da Angola, sendo cultivado nos salões aristocráticos do Rio de Janeiro e de Lisboa. Rapidamente o Lundu se integrou ao tango e à polca, e deram origem ao Maxixe, que inicialmente não tinha uma boa aceitação, surgindo dos mangues das classes mais baixas até se popularizar para a sociedade no geral. Já a Modinha, foi descrita por Béhage (1968, p. 93) como “uma canção brasileira de amor, parecida em muitos aspectos com o romance vocal Francês do século XVIII cantada de forma mais simplificada – às vezes só necessitando do intérprete e do violão para a moda romântica, gerava grande apelo popular.”

Em 1917 o samba saiu das rodas de improvisações dos morros cariocas, e foi considerado representante da Música Popular, sendo institucionalizado quando foi escolhido pelo governo Vargas para ser a cultura representativa do Brasil, como afirma Mario Cesar Carvalho em entrevista à Folha de São Paulo, em 2004: “O Brasil do samba, da mulata, do Carnaval, da feijoada, do futebol, do malandro, da democracia racial, da natureza desconcertante, do barroco mineiro e da arquitetura moderna foi uma invenção da era Vargas.” Ou seja, o samba especificamente não se trata de uma música mais pura ou superior, e a sua divulgação e aceitação vieram a partir de interesses políticos.

A partir desse esclarecimento podemos adentrar na perspectiva das primeiras utilizações da palavra “Colagem” referenciada não às artes visuais, plásticas e fotográficas, mas, nos fragmentos musicais, e principalmente, entender porque ela sempre esteve implícita em nossa cultura. Esse será o nosso desafio no tópico a seguir.

CAPÍTULO 2

MÚSICA DE COLAGEM

Anná é uma cantora e compositora que nasceu em Mococa – São Paulo, nos anos 90, ela ainda não é uma multi artista muito conhecida e valorizada pelo seu Movimento. Interiorana e singular em sua criação, ela foge do padrão e não está na televisão ou rádio – atingindo as massas sociais com a sua música. Seu espaço ainda é alternativo e seu público a encontra majoritariamente na internet. Seus cliques criativos são verdadeiros quadros em movimentos, ela explica esse seu lugar dentro do mercado musical:

“Nessa dualidade ‘música tradicional x música do futuro’ e ‘gravadoras x independentes’, meu trabalho como cantora e compositora busca se inserir no que é chamado de ‘inovador independente’, porém também se alimenta da música tradicional como fonte de inspiração. Longe das gravadoras e do cenário

mainstream, eu e uma grande parcela da população desconhecemos todas aquelas músicas ‘mais tocadas’ do Spotify. Isso era improvável há 20 anos, mas diferentes bolhas estão se multiplicando e fortalecendo através da Internet. Minha produção musical se encontra nessa cena alternativa e independente autoral da cidade de São Paulo.” (Anná).

Quando criança ouvia a música sertaneja que os adultos repetiam e cantavam ao seu redor, mas na sua pré-adolescência teve acesso a um computador com internet e conheceu uma verdadeira revolução – podia ouvir músicas do mundo inteiro, se quisesse. Cresceu e formou-se em Comunicação Social com habilitação em Cinema, atualmente ela chama atenção nas redes sociais por seus clipes e vídeos bem produzidos e esteticamente alinhados. Por seu trabalho ser muito ligado com a imagem e as artes visuais, ela passou a utilizar o termo “Colagem”, que reflete a justaposição de imagens não originalmente próximas, obtidas através da seleção e picagem de imagens encontradas, ao acaso, em diversas fontes. (COHEN, 1989: 60), que na música nada mais é que essa união de ritmos e referências para canções. A influência que sempre foi analisada na cultura brasileira, toda música já foi colagem, mas depois que se estabelece, se estabiliza como gênero em si, acaba virando extrato para outra colagem. Porém, esse processo enquanto manifesto foi, na música popular, verbalizado apenas por ela. Essa foi a maneira que ela encontrou de classificar sua composição tão diversa. Ela vai do funk até o tropicalismo. Perpassa dá MPB ao pop, com batuaques e frevo numa só canção. Essa é a verdadeira música de Colagem.

Quando comecei a compor, intuitiva e inconscientemente as canções já tinham esse formato de colagem, com blocos de diferentes roupagens musicais. [...] Quando percebi a recorrência dessas quebras e partes diferentes nas composições, busquei radicalizar a experimentação da colagem. Radicalizar para mim hoje significa não utilizar só elementos óbvios para colar, como diferentes papéis para as artes visuais, ou, na música, diferentes levadas rítmicas, mas inserir outras dimensionalidades, materiais, texturas e linguagens. Na música, isso significa que cada bloco de uma canção possui instrumentação e levada completamente diferente do outro. Isso gera contrastes entre os blocos e uma possibilidade de diversificação de timbres dos instrumentos, gerando arranjos imprevisíveis e fora de padrões. (Anná).

Antes do Manifesto da cantora Anná, a música de Colagem vinha sendo associada apenas à música eletrônica, aos samplers (pedaços de fonogramas existentes, unidos digitalmente para que surja um som novo.) Nesse processo pode-se recortar, alterar e inverter fragmentos musicais, modificando a frequência e o volume. Desse modo, com um simples computador muitos fonogramas podem ser feitos sem necessariamente a gravação tradicional de instrumentos musicais.

No meu caso, não existe acaso na seleção das partes a serem usadas. Existe uma pesquisa para compreender qual é a roupagem de cada bloco da colagem, qual sonoridade o bloco musical requer. Seguindo este raciocínio, toda composição musical pode conter colagem, no sentido de que toda composição traz elementos de outros lugares, que são ‘apropriados’ e reutilizados. (FURTADO, Anná 2019. p. 10).

De acordo com Silveira (2012, p. 23), a Colagem Musical é uma forma de apropriação, como tal, pode ser comparada a outras formas, como a citação, a incorporação e a alusão. As comparações poderiam ir tão longe quanto o conhecimento e imaginação do comparador, a fim de mostrar como a cultura se desenvolve a partir de práticas de apropriação. Paralelo à isso, o processo de Colagem na música popular é artesanal, unindo os pedaços numa espécie de mosaico musical, o que foge totalmente da ideia de uma música “original” ou “pura”, como veremos no próximo capítulo.

2.1 O CONCEITO DE MÚSICA PURA

Por tudo que vimos até aqui, é notório que a expressão “música pura”, a qual se deve conservar e cativar, é uma ilusão no nosso país. Este mito de roupagem nacionalista vem de longa data e não tem forças suficientes para nos representar. Não existiu aqui, uma música limpa de influências outras. Essa discussão sempre pairou de maneira muito intensa no cenário musical. Carmen Miranda, por exemplo, foi alvo dessas críticas por abandonar a dita “música pura brasileira”, pois na época fazia sucesso sendo representante do Brasil nos Estados Unidos. De volta, ela se defendeu das acusações cantando a canção de Vicente Paiva:

Disseram que eu voltei americanizada (...)
 E corre por aí
 Um certo zum zum zum
 Que já não tenho molho, ritmo, nem nada
 E dos balangandans já nem existe mais nenhum
 Mas pra cima de mim,
 pra que tanto veneno
 Eu posso lá ficar americanizada
 Eu que nasci com o samba e vivo no sereno
 Topando a noite inteira a velha batucada
 Nas rodas de malandro minhas preferidas
 Eu digo mesmo eu te amo, e nunca "I love you"
 Enquanto houver Brasil
 Na hora da comidas
 Eu sou do camarão ensopadinho com chuchu.

Com o passar dos anos, podemos perceber os mesmos comentários com outros cantores, a exemplo de Jackson do Pandeiro, na sua canção Chiclete com Banana:

Eu só boto bebop no meu samba
 Quando Tio Sam tocar um tamborim
 Quando ele pegar

No pandeiro e no zabumba
 Quando ele aprender
 Que o samba não é rumba
 Aí eu vou misturar
 Miami com Copacabana
 Chiclete eu misturo com banana
 E o meu samba vai ficar assim (...)
 É, mas em compensação
 Eu quero ver um boogie-woogie
 De pandeiro e violão
 Eu quero ver o Tio Sam
 De frigideira
 Numa batucada brasileira.

Sobre música pura e tradição, Marcos Napolitano comenta no livro “O Mistério do Samba” de Hermano Vianna:

Mitos, como o da autenticidade do samba de raiz, da resistência cultural que ele teria desempenhado, são invenções históricas de forte caráter ideológico. É a invenção da tradição que, a partir de práticas sociais do presente, se ancora com tal força no passado, que muitas vezes essas práticas passam a ser vistas como um processo herdado “naturalmente”, sem a mediação de interesses e ideologias que buscam a legitimação histórica. Aliás, o maior ou menor grau de “naturalização” e diluição dos rituais inventados no fundo dos tempos, é o termômetro da eficácia (ou não) do processo de “invenção da tradição” (NAPOLITANO, 2000, p. 167).

E as críticas não pararam por aí. Em 2017 a Revista Fórum publicou uma matéria do jornalista Julinho Bittencourt, em comemoração aos 50 anos da “Marcha da Guitarra Elétrica”. É que em 1960, dessa vez, foi um grupo de artistas que foram às ruas com o slogan “Defender o que é nosso” protestar contra as influências americanas da guitarra elétrica na MPB da época, ele diz: “Elis Regina, com as presenças de Jair Rodrigues, Zé Ketí, Geraldo Vandré, Edu Lobo, MPB-4 e também, pasmem, Gilberto Gil, fizeram uma passeata em São Paulo contra o uso da guitarra elétrica na nossa música. Vista assim, há 50 anos de distância, pode parecer bastante ridícula – e de fato é – mas, à medida em que nos aproximamos dos fatos de então a coisa, apesar de permanecer ridícula, faz algum sentido. Ainda que ridículo, ele existe. O objetivo na época era defender a nossa música da “invasão estrangeira”. Em 1967, a música estrangeira, sobretudo, os Beatles, dominava as rádios brasileiras. Havia, de fato, uma disputa insana de espaço entre os artistas.” Acontece que, anos depois, seria impossível hoje ouvirmos grandes canções eternizadas desses cantores, sem o uso da contraditória guitarra elétrica!

Visto isso podemos entender com mais propriedade que não existe música pura – tudo é repleto de referências importantes e nos cercam o tempo inteiro, principalmente nos dias atuais -, e foi a partir do Movimento Antropofágico de Oswald de Andrade que tudo mudou para a nossa cultura, sendo um verdadeiro divisor de águas para as criações artísticas, como veremos a seguir.

2.2 MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO DE OSWALD DE ANDRADE

O Movimento Antropofágico foi uma notável manifestação artística brasileira organizada pelo poeta paulista Oswald de Andrade e a pintora Tarsila do Amaral. Tudo começou com a publicação do primeiro manifesto “antropófago” ou “antropofágico” publicado por Andrade na revista Antropofagia do estado de São Paulo, em 1928. A utilização do termo antropofágico está relacionada à “antropofagia”, que refere-se ao ato de comer ou devorar a carne de outra pessoa. Na metáfora que perpassa o termo, Oswald na verdade sugere que se deve devorar essa cultura enriquecida por técnicas importadas e promover uma renovação estética na arte brasileira de maneira importante.

O primeiro viés musical influenciado pela Antropofagia, foi o Tropicalismo. O Movimento popularizou-se devido ao III Festival de Música da TV Record, em 1967, com a presença de nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, entre outros. O nome do movimento surgiu de uma obra de Hélio Oiticica que recebeu o título de “Tropicália”, montada em 1967 em uma exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Tempos depois, Caetano Veloso compôs uma música que recebeu o mesmo nome, sendo um marco para o movimento - a ideia era dar um novo significado à música brasileira, misturando elementos que já faziam parte da nossa cultura popular, com influências de fora sem cópias, mas construir algo novo e originalmente brasileiro a partir disso. - Rita Lee fala sobre esse processo no DVD Biografitti Ovelha Negra: “Caetano e Gil é que me deram todas as dicas de como fazer música brasileira, que até então era só coisa gringa, só coisa de outras pessoas”. Sobre seu próprio processo artístico, a cantora ainda completou: “É uma mistura de tudo, eu sou uma mistura de tudo. (...) Eu não me misturava com nada e eu era tudo”.

Caetano Veloso em sua biografia Verdade Tropical, escreveu um capítulo intitulado “Antropofagia”, onde ele explica: “O segundo manifesto, o Antropófago, desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse, ou, nas palavras de Haroldo de Campos, ‘assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidade locais ineludíveis em que dariam ao produto resultante um caráter autônomo’ (...)” (VELOSO, 1997). Anná deixa clara a influência da antropofagia para a sua criação artística: “Assim, procuro utilizar as tradições e todas as minhas outras referências de maneira antropofágica: engulo o que recebo e depois crio do meu jeito.”

Outro movimento que também uniu influências e alcançou muita popularidade foi o Mangubeat, inserido na grande tradição da música popular brasileira, aliando a cultura de massa com uma leitura crítica da tradição popular nordestina estabelecendo um diálogo com o Modernismo e o Tropicalismo, assegurando essa “assimetria das trocas”. (OLIVEIRA, 2009, p.4) O nome Mangubeat vem de mangue: ecossistema típico da costa do Nordeste e beat, do inglês “batida”, e tem o caranguejo como a sua marca registrada. O Movimento nasceu em Recife - PE no início dos anos 90, a partir da mistura cultural do Maracatu Rural, elemento forte pernambucano com o Rock in roll e o hip-hop. A estética chamativa foi uma das marcas do movimento, desenvolvendo uma parte muito representativa dessa junção: chapéu de palha, óculos escuros, camisas estampadas, tênis e colares coloridos de muitas

cores eram usadas pelos idealizadores. As principais bandas que lideraram esse movimento em Recife foram: Chico Science e Nação Zumbi, liderada por Chico Science, e Mundo Livre S/A, liderada por Fred Zero Quatro.

Inclusive, o principal Manifesto desse movimento cultural, escrito por Fred Zero Quatro, tem o título de “Caranguejos com cérebro”:

“Hoje, os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.” (Trecho de “Caranguejos com cérebro”).

A partir do entendimento da Antropofagia, podemos finalmente na sequência adentrar na análise dos álbuns de Anná, destrinchando letras, ritmos e a intenção do seu Manifesto.

3. ANÁLISE

Ainda com pouco espaço na mídia tradicional (rádio, portais de notícias, televisão) é através da internet que Anná está usando da sua influência para que seu público se atente na sua pesquisa e seu trabalho, principalmente através das suas redes sociais. Conta com 11,6 mil seguidores em seu Instagram, tem 2,78 mil inscritos no seu canal do Youtube e 6,745 ouvintes mensais no Spotify até o presente momento desta pesquisa. Por não ter visibilidade nacional, Anná faz shows e participações como convidada em apresentações de outros artistas nas regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Minha produção musical se encontra nessa cena alternativa e independente autoral da cidade de São Paulo. Nasci no interior do estado de São Paulo, em Mococa, nos anos 90. Tive acesso à Internet muito nova e com 13 anos já me era possível ouvir músicas de vários locais do mundo. Havia uma predominância de canções sertanejas ao meu redor, mas eu podia escolher o que ouvir porque tinha um computador conectado à rede. Em Mococa não frequentei nenhuma manifestação da chamada tradição popular ou cultura popular, mas aprendi muito da tradição do samba ouvindo canções na internet e depois, morando em São Paulo, frequentando e cantando em rodas. (FURTADO, Anná. 2019. p. 04).

A sua discografia conta com 3 álbuns, “Pesada”, “Colar” e “Brasileira”. Em 2017, Anná lançou no Youtube o álbum “Pesada”, contendo 4 faixas: “Daqui”, “Grosse”, “Linha Vermelha” e “Carta à boa forma”.

Na música DAQUI, primeira faixa do álbum, Anná deixa claro a sua intenção do Manifesto: cantar o que é de casa:

Gosto muito do Elvis, gosto muito do Michael

Mas vamos falar de Luiz Gonzaga

Vamos cantar Mestre Baracho

Lia de lá, Lia de cá

Vamos botar os pés na água
Gente, vamos combinar? Beyoncé é maravilhosa!
Mas vamos cantar o que é de casa
Vamos saudar as caboclas
Cantar raiz da liberdade
De entender o seu país
Abrir as portas do mundo é sempre bom
Deixar fluir distintos arrebois
Mas volta à casa e então tu ouvirás
O som da tua terra consegue te fazer vibrar
Vamos alegrar nossas paredes
E celebrar Gilberto Gil
Sim, respeitar o que é de longe
Mas colher o que plantar aqui
Vamos limpar os pés no barro
E saravá nosso tambor
Ouvir os sons que vêm da mata...

Figura 1 – Capa do álbum “Pesada”



Fonte: Spotify.

<https://open.spotify.com/album/2gA1OyvO2JhrIF5SKFWVBl>

Em 2019 ANNÁ concluiu sua pós graduação lato sensu de Canção Popular: criação, produção musical e performance, o que incrementou ainda mais a sua pesquisa e criação sobre a música de Colagem. Até que em 2020 Anná lançou um álbum intitulado COLAR, contando com 11 faixas originais: “Se cada um”; “Não ao Certo”; “Colagem”; “Hoje é o Ontem Amanhã”; “Censura”; “Sobe Rosa”; “Ser Adulto”; “Perguntares”; “Plantaram Poesia”; “Se Cada 2”; e “Embaló”. que nos apontam bem sobre o que acredita e no que implica o seu trabalho, como por exemplo a música “Colagem”, onde ela explica suas referências e dá sua interpretação sobre o momento atual do mercado musical:

Eu sou só mais uma neta tropicalista
 Fiz essa no android, iPhone não posso pagar
 Eu sei que sou só mais uma neta tropicalista
 Como é ser eu
 O Instagram mostra mas não explica
 Frustrada hermeta pascoalita
 A audição da minha geração
 Sabe bem quicar no chão
 Tem lenço, documento e muito lançamento
 Tomamos vários comprimidos de som
 Tomamos vários comprimidos de som
 Minha raiz é iutubada
 Minha mãe é de Belém
 Em Mococa tinha vaca
 Na Disney também tem
 Eu sou a colagem da neta elisreginista
 Eu sei que sou só colagem.

Nos últimos tempos a música de Colagem vem sendo apenas associada à música eletrônica, aos samplers (pedaços de fonogramas existentes, unidos digitalmente para que surja um som novo.) Nesse processo pode-se recortar, alterar e inverter fragmentos musicais, modificando a frequência e o volume. Desse modo, com um simples computador muitos fonogramas podem ser feitos sem necessariamente a gravação tradicional de instrumentos musicais. Esse é o diferencial da música de colagem. Diferente da colagem digital, o processo

de colagem na música popular é artesanal, não utilizando sons prontos, mas cria uma nova forma unindo os pedaços numa espécie de mosaico musical.

Figura 2 – Capa do álbum “Colar”



Fonte: Spotify.

(<https://open.spotify.com/album/4XTHg44Btu1JnnzZxcyyxn>)

A nona canção do álbum “Plantaram Poesia” traz a Colagem não só como debate na letra, mas como o ritmo, misturando o pop, frevo, rock e axé:

Eu agradeço, mas não entendo

Porque essa semente nasceu bem no meu chão

[RITMO: POP]

Plantaram poesia e eu só queria

Apagar os boletos pra voar em paz

A Terra é uma fase de provações

[RITMO: XOTE]

A música é um eco de outras dimensões

A música é um eco de outras dimensões

Que arrasta multidões

[RITMO: POP]

Penetra corações

Desperta emoções

Movimenta bilhões

[RITMO: FREVO]

[..]

[VOCAL: ROCK E POP]

E faz conexões cerebrais e universais...

[RITMO: AXÉ]

Já em seu álbum deste ano de 2022, intitulado "Brasileira", podemos dar destaque ao resgate que Anná faz de Tico-Tico no Fubá, clássico brasileiro de Carmem Miranda. Nesse álbum, Anná não cita o processo de Colagem nas composições. Mas, no ritmo. Como é o caso da faixa 7, uma parceria com a pernambucana Flaira Ferro na canção "Ô ano doido":

Ô, ano doido que mexeu fundo com a gente

Ô, ano doido que meteu fundo na gente (hum)

[FUNK]

Entrei no furacão

E subi em espiral

Um dia de cada vez

[FREVO]

Me equilibrando na corda bamba da esperança

Ora os pés flutuam

Ora suam

Pra se manterem de pé
 Pra se manterem de pé (ha)
 [FUNK]

Figura 3 - Capa do Álbum “Brasileira”



Fonte: Spotify

(<https://open.spotify.com/album/40luAZFRbJXEUkhBbKOuzA>)

Assim como “Ô ano doido”, de Anná, um outro exemplo de Colagem de ritmos na música é a música "Girl from Rio" da cantora Anitta, presente no Álbum "Versions of me", também deste ano, estando presente a crítica à visão romantizada do Rio de Janeiro bossanovista até hoje com o funk e pop dominando e mudando toda a cena musical:

Hot girls, where I'm from, we don't look like models
 Garotas gostosas, de onde eu sou, não parecemos modelos

Tan lines, big curves and the energy glows
 Linhas bronzeadas, grandes curvas e brilhos de energia

You'll be falling in love with the girl from Rio (yeah, yeah, yeah)
 Você vai se apaixonar pela garota do Rio (sim, sim, sim)

[BOSSA NOVA]

Let me tell you about a different Rio (yeah)
 Deixe-me falar sobre um Rio diferente (sim)

The one I'm from, but not the one that you know (hey)
 Aquele de quem eu sou, mas não aquele que você conhece (hey)

The one you meet when you don't have no Real (ay)

Aquele que você conhece quando não tem Real (ay)

Baby, é meu caso de amor, é meu caso de amor, sim (ei, ei)

[BOSSA NOVA SAMPLEADA]

Vai malandra, gringo canta, todo mundo canta (vai, vai, vai, vai, vai) (hey)

Vai malandra, gringo canta, todo mundo canta (vai, vai, vai, vai, vai) (hey)

[FUNK]

Em sua canção, Anitta lança para o mercado internacional uma visão clássica sobre o Brasil da Bossa Nova no Rio de Janeiro. No clipe, o figurino, a coreografia e a praia impressa ao fundo, nos remete um lugar antigo no imaginário internacional do que seria a imagem estereotipada do Brasil. Com uma batida diferente, Anitta chega ao Rio atual com mini biquínis no piscinão cantando que vai apresentar ao mundo um novo Brasil, o Brasil real. Ela finaliza colando a sua canção “Vai malandra”, de 2017 sugerindo que os gringos já cantam a sua canção “Vai malandra / Eta loca tu brincando com o bumbum”.

Desse modo, podemos ver a Colagem Musical inserida em contextos modernos e cada vez mais recorrente no nicho musical, o que nos leva a conclusão de que é necessário voltarmos mais os olhares para esse movimento, abrindo espaço e gerando referências também para a bagagem dessa nova Música Popular Brasileira que será estudada nos próximos anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de toda essa viagem na pesquisa da história da música através dos nossos ancestrais, da descoberta da construção dos ritmos brasileiros, sua origem, canções e movimentos, podemos concluir o quão importante é o conhecimento e entendimento sobre a música de Colagem para a sociedade ainda tão tradicional e fechada para as arestas marginalizadas da nossa música brasileira.

O Manifesto da música de Colagem é de extrema importância para compreendermos a bagagem musical que nos foi acrescentada durante os anos até as construções atuais, e uma previsão do que teremos no futuro da nossa música. O objetivo principal da pesquisa era demonstrar que seja a música eletrônica, Tropicalismo e até mesmo no Mangubeat, o processo de Colagem sempre existiu de uma maneira muito natural, porém, por vezes essas referências não eram nomeadas nem levadas à reflexão. Agora, o Movimento de Colagem tem nome e é catalogado enquanto manifesto liderado por uma mulher interiorana, como uma forma de avanço e representatividade na música Brasileira. A partir dessas conclusões, é que se faz necessário o estudo da Música de Colagem dentro do Jornalismo Cultural, para que a sociedade reflita e se afine com os desafios que o jornalista de cultura passar para garantir conteúdos diversificados ao público, assim como afirma Piza:

“É preciso compreender que existe um público sólido para o jornalismo cultural e que deseja ser atendido com produção de qualidade. Para isso, há algumas questões a serem consideradas quando se produz neste segmento. A maior delas, talvez, seja a infinidade de oposições, de polarizações que o contaminam a todo instante. Entretenimento versus erudição, nacional versus internacional, regional versus central, jornalista versus acadêmico, reportagem versus crítica.” (PIZA, 2013, p. 8).

O Manifesto da Música de Colagem nos deixa como aprendizado que para cantarmos e exaltarmos as nossas raízes os artistas não precisam estar estigmatizados ou presos ao passado, mas, com originalidade, passem a compor uma nova roupagem cada vez mais criativa, representativa, livre e espontânea, assim como a divulgação da nossa cultura deve ser.

6. REFERÊNCIAS

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo Cultura no século 21: Literatura, artes visuais, teatro, cinema, música [A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática]**. Summus Editorial, 2015.

BÉHAGUE, Gerard. **Music in Latin América: An Introduction**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1979.

BLOMBERG, Carla. **Histórias da música no brasil e musicologia: uma leitura preliminar**, Projeto História nº 43. Dezembro de 2011.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CASTILHO, Almira. Gordurinha. **“Chiclete com Banana”** Disponível em: <<https://www.letas.mus.br/jackson-do-pandeiro/257604/>> Acesso: 04/09/2022

CARVALHO, Mario Cesar. **O Brasil brasileiro nasce com Vargas**. In Folha de SP, 22/ago/2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2208200407.htm>> Acesso em: 11/11/2022

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

EDUCA MAIS BRASIL. **Movimento antropofágico**. <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/movimento-antropofagico>> Acesso em: 09/10/2022

FURTADO, Anná. **COLAGEM MUSICAL: processo de composição e gravação de Hoje é Ontem Amanhã**, São Paulo, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAKOVICS, Nahara Cristine. **O Rádio no Brasil: da história as contribuições de Sônia Virgínia Moreira**, 2003. São Bernardo do Campo..

MUNDO DA MÚSICA. **A linha do tempo da música brasileira**. Disponível em: <<http://blog.mundodamusica.com.br/linha-do-tempo-da-musica-brasileira/>> acesso: 02/11/2022

MÚSICA E ADORAÇÃO. **Expressão arte das musas** <<https://musicaeadoracao.com.br/21754/musike-techne/>> Acesso em: 09/10/2022.

MÚSICA E VINHO. **Primeiro ritmo musical brasileiro**. Disponível em: <<https://musicaevinho.com.br/qual-foi-o-primeiro-ritmo-musical-brasileiro/>> acesso em: 15/11/2022

NAPOLITANO M, Revista brasileira de história, 2000 - SciELO Brasil - **Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira**.

PAIVA, Vicente. **Disseram que eu voltei americanizada**. Disponível em:
<<https://www.letras.mus.br/carmen-miranda/185585/>> Acesso: 04/09/2022.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2013.

REVISTA FÓRUM. **Os 50 anos da marcha contra a guitarra elétrica**. Disponível em:
<https://revistaforum.com.br/brasil/2017/7/15/os-50-anos-da-marcha-contra-guitarra-eletrica-21872.html>

RUDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 131-150.

SILVEIRA, H. I. J. **Colagem Musical Utilizando Amostras de Pequena Duração**. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2012.

TENHO MAIS DISCOS QUE AMIGOS. **Clipe “Plantaram poesia.”** Disponível em:
<<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2020/03/26/anna-plantaram-poesia-exclusivo-clipe/>> acesso em: 17/11/2022

TODA MATÉRIA. **História da música**. Disponível em:
<<https://www.todamateria.com.br/historia-da-musica>> Acesso em: 13/10/2022

TODA MATÉRIA. **Os gêneros musicais brasileiros**. Disponível em:
<<https://www.todamateria.com.br/generos-musicais-brasileiros/>> acesso em: 15/11/2022

VELOSO, C. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

YOUTUBE. **Álbum “Colar”**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=j9Q3yonIQa4>. Acesso em: 12/09/2022

YOUTUBE. **Álbum “Brasileira”**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=H2VprJUWxRk>. Acesso em: 12/09/2022

YOUTUBE. **“GIRL FROM RIO”**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CuyTC8FLICY>. Acesso em: 16/09/2022

YOUTUBE. **Álbum “Pesada”**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=fsipOKZSVdY> . Acesso em: 12/09/2022

YOUTUBE. **Vídeo manifesto de colagem**. (0:58 min). Publicado pelo canal Anná.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TdCuNkv1SAQ> Acesso em: 18/11/2022